

MATTOS, Sérgio. **O Guerreiro Midiático: biografia de José Marques de Melo**. 2. ed. Petrópolis (RJ): Vozes: São Paulo: Intercom, 2014. 206p.

Eliane Penha Mergulhão DIAS<sup>1</sup>

Universidade Paulista (UNIP-SJC) e Centro Paula Souza (FATEC-SP), São Paulo

Sônia Maria Ribeiro JACONI<sup>2</sup>

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - INTERCOM

#### Perfil do autor

Sérgio Augusto de Mattos, 66 anos, cearense de nascimento e baiano de coração, jornalista de profissão, professor e homem de letras, é autor de várias obras, entre produção científica, literária e artística, e detentor de vários prêmios, inclusive o Prêmio de Comunicação Luiz Beltrão, na categoria maturidade Acadêmica (2000). A biografia de José Marques de Melo é uma de suas obras recentes.

#### Perfil do biografado

José Marques de Melo, 71a, alagoano de nascimento, residente em São Paulo, mas cidadão do mundo, é jornalista, professor universitário, pesquisador científico e consultor acadêmico, além de administrador na área da docência, principalmente junto aos cursos de Jornalismo. Tem muitas obras publicadas no campo da pesquisa da Comunicação e do Jornalismo, obras teóricas na área da metodologia da Comunicação e do Jornalismo, e suas vertentes, sendo inclusive um renovador da teoria da Folkcomunicação, postulada por Luiz Beltrão e por ele atualizada segundo os novos meios e objetos postos em circulação e uso pelas novas tecnologias da comunicação. Marques de Melo é detentor de muitos prêmios e tem seu nome ligado a acervos, bibliotecas e institutos de pesquisa, representando homenagens em reconhecimento ao seu talento e às suas efetivas contribuições neste campo de conhecimento.

#### A obra e seu contexto

A biografia de José Marques de Melo está contida num livro de mais de duzentas páginas, com texto do autor na contracapa e texto de Antonio Hohlfeldt nas orelhas. Traz bibliografia consultada pelo autor e 14 páginas de iconografia, com fotografias que documentam a vida do biografado desde os antepassados, perfazendo também momentos importantes da carreira de homem público e momentos de intimidade em família e entre amigos. Para acompanhar a trajetória da biografia, os 15 capítulos serão resumidos para que se possa passar aqui o essencial do texto, e ao mesmo tempo delinear resumidamente o perfil do professor, do jornalista, do escritor, do catedrático, do pai de família, do avô.

<sup>1</sup> Eliane Penha Mergulhão DIAS, Graduada em Letras (UNIVAP), Especialista em Literatura Brasileira (UniSantanna), Mestre em Língua Portuguesa (PUCSP) e Doutora e Pós Doutora em Comunicação Social (UMESP). Docente UNIP e FATEC, unidades de São José dos Campos (SP).

<sup>2</sup> Sônia Maria Ribeiro Jaconi, Graduada em Letras (Fundação Santo André), Especialista em Língua e Literatura (UMESP), Mestre em Letras (Universidade Presbiteriana Mackenzie) e Doutora em Comunicação Social (UMESP).

## AS ORIGENS DE ZÉ MARQUES: NASCIMENTO E MENINICE

Zé Marques, como carinhosamente é chamado, descende pelo lado paterno do sertanista luso-brasileiro Martinho Rodrigues Gaia, fundador da cidade de Santana do Ipanema, e pelo lado materno, de Gaspar van der Leiden, pecuarista de tradicional família holandesa, que chegara ao Brasil no Séc. XVII, durante a ocupação europeia àquela região.

Todos os antepassados, até três gerações, estão anotados na iconografia do livro, mas há um destaque para sua avó materna Eufrosina Marques, uma mulher especial para seu tempo, de quem Zé Marques tanto herdou o espírito combativo e destemido, quanto recebeu influência de seus ensinamentos.

Eufrosina, desobedecendo aos pais, casou-se com José Ceciliano dos Santos Marques, um oficial da Polícia de Pernambuco e advogado na região. Ele a “roubou” e levou-a para a cidade de Águas Belas, onde membros de sua família, os Wanderley (corruptela de Gaspar van der Leiden), os acolheram. Com José Feliciano sua avó materna teve 12 filhos, inclusive Iveta, a mãe de Zé Marques. Eufrosina, ao ficar viúva, mudou-se para a cidade de Santana do Ipanema onde refez sua vida. Atribuindo a causa do infarto que matou seu marido a sua parentela, ela renunciou ao sobrenome Wanderley, obteve novos registros civis, tanto para si quanto para seus filhos, passando então a assinar somente o sobrenome Marques. Em culto a seu marido, firmou o compromisso de que todo primeiro filho homem de cada ramo dos Marques seria batizado de José, em homenagem ao falecido José Ceciliano Marques. Assim, além de José Marques, de todos os primos homens, o primeiro nome é José. O único tio que não teve filho homem fez questão de batizar a primeira filha com o nome de Maria José, e uma de suas tias, que não teve filhos, adotou uma criança e batizou-a de José Clovis.

A avó de Zé Marques mantinha relações afetivas mais com as comadres negras quilombolas da Comunidade do Jorge, do que com os galegos de sua família que ela considerava escravizados pelas tradições batavas. As relações com a família paterna não eram tão amistosas quanto as que mantidas com a

família materna. Por essa razão as lembranças de Zé Marques com os avós paternos são vagas.

Seus pais, Leuzinger Alves de Melo e Iveta Marques de Melo, moravam em Santana do Ipanema, mas Leuzinger trabalhava em Palmeira dos Índios, e foi aí nesta cidade que - pelas mãos da avó Eufrosina - José Marques chegou ao mundo, no dia 15 de junho de 1943, numa terça-feira, no raiar da manhã. Como os dois irmãos nascidos antes morreram, Zé Marques ficou sendo o primogênito, e até por essa razão recebeu muito carinho e atenção da avó Eufrosina. Em torno do nascimento de Zé Marques, por cuidado do pai, foram feitos vários vaticínios, estudos de numerologia e cartas astrológicas, para confirmarem o que a avó já pressentia desde seu nascimento. Estava ali um menino que nasceu predestinado a vencer, e a brilhar com luz própria. O Apóstolo Midiático, como disse Hohlfeldt, contrapondo a ideia do título de Mattos: O Guerreiro Midiático.

Como toda criança nascida no interior do Brasil, principalmente no Nordeste, na primeira metade do Séc. XX, onde não havia luz elétrica e crianças não tinham relação com aparatos eletrônicos (rádio, vitrolas, e TV nem existia ainda), o imaginário infantil era alimentado e excitado pelos cantadores de cordel nas feiras e nas festas, onde ouviam as histórias das lutas do cangaço, as preferidas de Zé Marques, e as pelejas dos repentistas. Tanto assim que Marques de Melo, quando adulto, tornou-se um colecionador de literatura de cordel, tendo recentemente doado seu precioso acervo ao Museu Casa da Xilogravura, fundado e dirigido pelo Prof. Antonio Costella, em Campos do Jordão (SP).

Portanto, em depoimento ao biógrafo, Marques de Melo relata que sua infância foi um tempo de inocência, fantasia e traquinagens. Essas últimas lhes renderam boas surras de dona Iveta. Mas muitas sovas foram poupadas pela proteção da avó Eufrosina que, contrária ao espancamento de crianças, escondia os netos e só os devolvia ao cuidado materno quando a raiva da filha houvesse passado.

A festa tinha, portanto, dois objetivos: comemorar o quarto aniversário de Zé Marques e a inauguração da casa. A festa acabou sendo motivo para uma das maiores traquinagens do aniversariante que em vez de presentes ganhou uma tremenda surra, que ele não lembra, mas sabe do ocorrido por meio do relato das babás dele. (MATTOS, p. 60)

Sua adolescência não teve grandes aventuras, mas desde cedo o garoto se mostrou inteligente e estudioso. Sem outros atrativos que não fossem as festas populares e o futebol, Zé Marques aproveitou ao máximo essa fase, indo ao cinema, participando das festas populares e jogando intermináveis peladas com os amigos da vizinhança e da escola.

A experiência adquirida na vivência da cultura nordestina veio servir de lastro mais tarde para seus estudos no campo do jornalismo, da cultura e sobretudo da Folkcomunicação.

#### PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Com 12 anos de idade, teve a primeira experiência de trabalho remunerado no armazém de um primo, servindo como empacotador. O dinheiro que ganhava, que não era muito, usava na compra de gibis. Foi aí que descobriu que, para ganhar dinheiro, tinha que trabalhar. Ambicioso, bem apessoado e inteligente, os 15 anos iniciou a carreira jornalística, indo trabalhar como assessor cultural do Museu Histórico e de Artes recém-inaugurado, mantido pela Prefeitura de Santana do Ipanema. Nessa época era também correspondente da Gazeta de Alagoas, fazendo a cobertura dos acontecimentos da cidade de Santana do Ipanema, como repórter comunitário. Um primeiro emprego formal aconteceu somente em 1961, quando foi empossado Oficial Administrativo. E, posteriormente, quando passou a Supervisor Editorial na Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), onde esteve vinculado até 1966. O Professor Celso Furtado fora nomeado primeiro superintendente da Sudene, e com suas ideias e projetos de combate ao subdesenvolvimento da região nordeste atraiu jovens engajados e Zé Marques foi um deles.

O emprego na Sudene foi sua libertação, porque passou a não mais depender da família. Ainda no ginásio, já não dependia tanto do pai porque era bolsista do MEC, mas o pai ainda complementava o orçamento para os lanches. O salário era suficiente para pagar a mensalidade do curso de jornalismo na universidade católica e o aluguel do apartamento que compartilhava com primos e colegas. Tempos de pouco dinheiro, ele fazia as refeições no "bandejão" da Faculdade de Direito, e com o que sobrava do salário ele comprava livros, começando assim a formar sua própria biblioteca. Por muito tempo morou em pensão, dormitório coletivo e somente no final da faculdade é foi morar em apartamento alugado e compartilhado. Nesses tempos, como todo jovem, teve seus namoricos, frequentou bailes e festas e aprendeu a dançar, mesmo alegando que nunca tenha sido um bom dançarino.

O ingresso na Sudene se deu por concurso público, estágio probatório e um curso de Administração da Fundação Getúlio Vargas. Esse vínculo de Zé Marques com a Sudene começou em 1961 e se estendeu até 1966, cujo cargo de Oficial de Administração era chefiado pelo próprio Celso Furtado. Da Sudene, foi requisitado pelo governo de Miguel Arraes.

Com seu talento natural para a organização e metodologia de processos e de assuntos de educação, foi empossado como chefe de gabinete do secretário de educação e em seguida passou a coordenador do projeto de consolidação do Movimento de Cultura Popular. Com 19 anos, seu professor de Economia Política, na Faculdade de Direito, foi nomeado Secretário de Educação e o convidou para ser chefe de gabinete. Nesta época, Zé Marques já despertava capacidade de liderança e organização. Tomava decisões por conta própria e voltada atrás quando cometia injustiça ou erro.

Cada dia de trabalho nos dava a impressão de que era, se não impossível, difícil, mudar, inovar, fazer qualquer coisa, porque a máquina administrativa, inteiramente cristalizada é incapaz de qualquer reação. Havia um boicote permanente a toda atividade de renovação. (FENANDES, 1986 *apud* MATTOS, 2014).

SO despertar de Zé Marques para o mundo da informação foi por ele ouvir os programas das emissoras de rádio, e os noticiários transmitidos pelo

serviço de autofalantes da cidade. Acompanhava os programas de auditório da Rádio Nacional e ouvia os cantores famosos da época, talvez já despertando seu talento para o que viria a fazer mais tarde, ou seja, a arqueologia das comunicações no Brasil, incluindo o jornalismo e a cultura como um todo. Mas, jovem curioso, tornou-se um cinéfilo e não perdia os seriados e filmes hollywoodianos, chanchadas nacionais, filmes italianos e franceses, exibidos no Cine Glória de Santana do Ipanema. Também lia muita revista em quadrinhos, gibis. Em seguida, tornou-se ávido leitor de literatura, lendo todos os autores, da poesia e dos clássicos romances.

Eu traçava tudo, de Pafúncio a X-9, passando pelos meus heróis preferidos: Tarzan, Fantasma e Mandrake, além dos cowboys, principalmente os que protagonizavam as séries cinematográficas. Os mais populares eram Alan Ladd e Roy Rogers. Houve um tempo em que meus pais ficaram preocupados com o meu interesse pelos gibis, mas depois que Gilberto Freyre publicou um artigo na revista *O Cruzeiro* defendendo sua potencialidade educativa, eles deixaram de vigiar minhas leituras. (MARQUES, 2014, *apud* MATTOS, 2014).

## NO CAMINHO DA MATURIDADE

Rui Barbosa, segundo Zé Marques mesmo contou ao seu biógrafo, foi o autor que o catapultou para o jornalismo por meio da leitura de um artigo, lido na Biblioteca Pública de Santana do Ipanema: “A imprensa e o dever da verdade”, quando ainda era bem mocinho. Assim, o belo jovem de olhos verdes estava irremediavelmente fisgado para o jornalismo. Indo estudar em Maceió, começou então a escrever dentro do chamado movimento estudantil, fazendo com que chamasse atenção sobre si e sendo convidado para atuar junto à Tribuna Secundarista de Alagoas. Depois de já ter atuado como repórter comunitário, ter sido assessor de comunicação do Museu e de ter tido - ainda no secundário - uma redação premiada num concurso, seguir para a faculdade de jornalismo era o caminho natural. E assim foi. Depois também formou-se em Direito.

Numa carreira sempre movimentada, sendo pioneiro em sempre que chegava para assumir uma tarefa, Marques de Melo completou os estudos em Recife (1966), e iniciou a carreira acadêmica como assistente do professor Luiz Beltrão, no Instituto de Ciências da Informação da Universidade Católica de Pernambuco. Por desajustes entre sua postura liberal e inovadora, logo desejou ir para a cidade grande para livrar-se do atavismo tradicional do interior. Não sem dificuldades, mas também com a ajuda de muitas pessoas amigas e da própria família, Zé Marques instalou-se em São Paulo. Nessa ocasião, foi convidado por Octávio da Costa Eduardo para trabalhar como diretor de pesquisas do Instituto de Estudos Sociais e Econômicos (INESE), onde começou a ganhar reputação como pesquisador comunicacional. Com seu talento para a pesquisa e organização, em 1967 fundou o Centro de Pesquisas da Comunicação Social da Faculdade de Jornalismo Casper Líbero, então vinculada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Logo depois de sua chegada a São Paulo, Zé Marques leu a notícia no Jornal da Tarde de que a USP estava instalando a Escola das Comunicações Culturais e na relação de cursos estaria o de Jornalismo, e para tal estavam selecionando docentes. Prestou concurso e passou a integrar a primeira equipe de docentes fundadores da ECA/USP, inaugurando mais um caminho na sua movimentada e já precocemente vitoriosa carreira.

Apostei todas as minhas fichas na recém-criadas Escola de Comunicações Culturais da USP. Tomando conhecimento da sua criação, pedi uma entrevista ao Prof. Júlio Garcia Morejón, com quem me relatei empaticamente por duas razões: além de possuir formação acadêmica (pós-graduação em Jornalismo), eu dominava o idioma espanhol, falando fluentemente e escrevendo com relativa elegância. Ele me anunciou a realização de concurso público para ingressar na instituição, mas logo me convocou para o trabalho voluntário. Passei a integrar o Grupo de Assis, ou seja, os docentes da Faculdade de Filosofia de Assis, que constituíram o núcleo fundador da ECC, hoje ECA. (MARQUES, 2014, *apud* MATTOS, 2014).

## A PLENA REALIZAÇÃO ACADÊMICA

Pupilo de Luiz Beltrão, aprendeu com seu mestre as artes da comunicação natural e espontânea, embasada na responsabilidade ética de dizer a verdade. Suas aulas passaram a ser concorridas e foi necessário que se abrissem novas vagas para que o curso de jornalismo contemplasse a todos os pretendentes. O sucesso de Zé Marques com os alunos despertou algum ciúme naqueles que pouco faziam, provocando de vez em quando certos desentendimentos no âmbito administrativo.

Nesse interim, um seminário sobre o livro de Violette Morin “Erotismo: um mito moderno” (1967), em que uma síntese sobre a obra, preparada por duas alunas como contribuição ao surgimento de novas análises e novas pesquisas sobre o erotismo nos meios de comunicação do país, culminou num clima de discórdia para Marques de Melo, na Faculdade Casper Líbero. Ainda que ele tenha explicado suas razões e depois protestado contra a censura, não foi possível reverter a decisão da diretoria. Os conservadores consideraram a publicação como sendo pornográfica e os exemplares restantes foram sumariamente apreendidos ainda no estoque. Essa desavença ocasionada pela diferença de visão político-educativa, para o jornalismo, levou-o a abandonar seu posto de professor na Casper Líbero.

O Decreto de criação da ECA/USP (1967) foi assinado quando Marques de Melo completava seu 23º aniversário. Acabou sendo como um presente que a vida lhe reservou, pois passou a integrar o quadro da escola, sendo um dos docentes cofundadores. A ECA começou a funcionar somente no ano seguinte, mas no mesmo ano Zé Marques se matriculou no curso de doutorado na USP. O ano de 1968 foi marcado por protestos estudantis contra o autoritarismo do governo e também contra a política educacional adotada nas universidades. Nesse mesmo ano foi implantada a Reforma Universitária, com reflexos negativos diretamente sobre os cursos de Jornalismo. Um depoimento da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Socorro Nóbrega traça o perfil de Marques de Melo à época: “Embora muito jovem, ele era considerado um especialista na área do Jornalismo, não só no que se refere ao professor, mas em tudo que sua expressão comporta de autoridade, confiança e respeito”. Isso lhe rendeu ter

de assumir o primeiro desafio de sua carreira: instalar um dos principais cursos de jornalismo, na maior universidade do país. Ali, depois Marques de Melo ocupou o cargo de diretor do Departamento de Jornalismo até 1972 quando foi indiciado num processo por atividades subversivas, baseado no Decreto-Lei 477, editado com a finalidade de enquadrar professores e estudantes considerados perniciosos ao Regime Militar (AI-5).

Do processo de subversão instalado logo após a realização da IV Semana de Estudos de Jornalismo Marques de Melo foi absolvido pelo Ministro da Educação, mas passou a ser *persona non grata* junto à cúpula da USP. O diretor da ECA na época, Prof. Dr. Antônio Guimaraes Ferri, candidato a reitor, não queria problemas para sua candidatura, e ponderou que Marques não ocupasse nenhum cargo de gestão acadêmica. Nesta ocasião Marques já havia implantado o Curso de Jornalismo e concluído a instalação do curso de Editoração.

Marques de Melo não se deu por vencido e concentrou sua energia na elaboração de sua tese de doutorado, intitulada "Fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil". Conquistou com louvor seu título de doutor (9,5), sendo pioneiro mais uma vez. Ainda assim foi demitido de seu cargo na ECA pelo Prof. Dr. Manuel Nunes Dias, um dos que participaram da banca examinadora de sua tese. Zé Marques, depois de "cassação branca", passou a ser evitado por pessoas que temiam comprometer-se pela simples saudação acadêmica. Ao se aposentar da USP, em 1993, contam seus amigos que ele "sempre ficou por perto". Após a aposentadoria passou a lecionar no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, e como professor-visitante na Universidade do Texas, nos Estados Unidos, na Universidad Autónoma de México, e na Autónoma de Barcelona, na Espanha. Em 2001, recebeu o título de professor emérito.

Nesse período, narrado por seu biógrafo, Zé Marques obteve vitórias e derrotas, alegrias e tristezas, revoltas e ufanismo, mas nunca se deixou abater pelas dificuldades impostas pela vida. Um visionário, um agitador

cultural, um libertário, criador de instituições e formador de gerações, a transformar o jornalismo em atividade da ciência. Assim, participou de praticamente todas as iniciativas acadêmicas do jornalismo e da área das comunicações, no Brasil, nas últimas décadas.

Se o jornalista não for honesto, humilde e persistente, pode fazer da profissão uma escada para o sucesso fácil ou decidir pela renúncia precoce. Sertanejo calejado, aguentei firme os primeiros dissabores. Pressões, ameaças, ironias, achincalhes. (MARQUES, Jornal da USP, 2004, *apud* MATTOS, 2014).

Zé Marques, ajudou criar e fundar escolas e cursos de Jornalismo, como também é responsável direta e indiretamente pela criação de várias instituições, tais como: União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC), Centro e Núcleo de Pesquisa (CNP); Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa de Comunicação (ABEPEC); Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LABJOR), Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom); Cátedra Unesco/Umesp de Comunicação. Diretor-responsável da Revista Brasileira de Ciências da Comunicação e colunista das revistas *Imprensa (SP)* e *Etcétera (México)*, é também o idealizador da Rede Alfredo de Carvalho para o Resgate da Memória e a Construção da História da Imprensa no Brasil. Atua ainda como inspirador intelectual de três redes internacionais - Colóquios Internacionais de Estudos sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação (Celacom), Federação Lusófona de Ciências da Comunicação (Lusocom) e Comunicação para América Latina (Mercomsul) - e de três redes nacionais - Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional (Regiocom), Rede de Estudo e Pesquisa em Folkcomunicação (Folkcom) e Comunidade de Saúde, Desenvolvimento e Educação (Comsaúde).

Foi agraciado com muitas distinções honoríficas, dentre elas: *Prêmio Wayne Danielson de Ciências da Comunicação*, da Universidade do Texas (Austin, EUA); *Medalha Rui Barbosa*, do Ministério da Cultura (Rio de Janeiro); *Professor Honoris Causa* da Universidade Católica de Santos (São Paulo);

*Presidente de Honra* da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, e *Professor Emérito* da ECA-USP. Sua obra publicada é extensa e não há espaço nesta resenha para listá-la.

## CONSIDERAÇÃO E CRÍTICA

O autor da Biografia de José Marques de Melo, o também jornalista e professor Sérgio Mattos, foi atencioso em apontar tanto o perfil individual quanto o perfil social e acadêmico do seu biografado. O perfil traçado é bastante fiel à pessoa que conhecemos, e os depoimentos de amigos e colegas de trabalho enriqueceram o conteúdo da biografia de modo imprescindível.

Numa resenha de dimensões como esta não é possível comentar muitas das nuances da biografia, mas pode-se afirmar que houve, por parte do biógrafo, uma pesquisa bastante ampliada e que muitos aspectos foram devidamente narrados.

Os depoimentos do próprio biografado, entretanto, esclarecem e dão credibilidade a certos aspectos da narrativa, como também inibem os avanços interrogativos do biógrafo em relação a algum fato de natureza íntima e particular.

A Iconografia que representa o 16º capítulo da obra ajuda o leitor a identificar fases de vida e pessoas do entorno da realidade do Professor José Marques de Melo. No entanto, talvez por falta de registros disponíveis, faltam imagens da família nuclear de Marques de Melo, por exemplo, fotos de seu casamento com dona Silvia, fotos dos filhos pequenos, ficando portanto um hiato iconográfico.

Do mesmo modo, não consta no livro uma cronologia do biografado, e tampouco sua bibliografia. Esperamos que o autor venha a nos brindar com uma segunda edição revisada e aumentada de modo a resolver estas questões.

Eliane Mergulhão

<elianemergulhao@gmail.com

Sônia Jaconi

[sonia.jaconi@uol.com.br](mailto:sonia.jaconi@uol.com.br)

Recebido em 12/05/2020

Aprovado em 12/05/2020